

**Coleção Aventuras Grandiosas**

**Alexandre Dumas**

# **O CONDE DE MONTE CRISTO**

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

**1ª edição**

 **EDITORA  
RIDEEL**

# CAPÍTULO 1

O navio Faraó se aproximava da costa com um ritmo muito lento. No porto, o senhor Morrel, proprietário da embarcação, teve um mau **PRESENTIMENTO**. Assim que o Faraó **ATRACOU**, a má notícia estava confirmada: Leclère, o capitão, havia morrido durante a viagem.

— Como isso foi acontecer, Dantes? — perguntou Morrel para o **IMEDIATO** do navio.

— Quando passávamos pela localidade de Civitavecchia, ele teve uma febre muito forte e não resistiu, senhor.

— A morte dele é realmente uma grande perda para todos nós. Leclère era um ótimo marinheiro.

Dantes balançou a cabeça concordando e, por alguns segundos, os dois ficaram em silêncio, até que Morrel perguntou:

— E quanto ao resto da viagem? Conseguiram trazer todas as mercadorias de pedi?

Dantes respondeu a esta e outras perguntas técnicas de Morrel e logo se afastou para comandar o desembarque da carga. Assim que o jovem imediato partiu, Danglars, o **COMISSÁRIO** do navio, se aproximou de Morrel e os dois começaram a comentar a morte do capitão Leclère.

— Sem dúvida era um homem bravo. Um velho e sábio homem do mar, como devem ser os capitães — disse Morrel para seu funcionário Danglars.

— Nem todos os capitães são velhos, caro Morrel.

— Você conhece algum jovem capitão, Danglars?


— O senhor estava falando com um agora há pouco — disse Danglars, com o veneno da inveja na voz.


Morrel fez uma cara de espanto, pois não entendia exatamente a quem Danglars estava se referindo. O comissário então continuou com sua fofoca.


— Mal o capitão Leclère havia morrido e Dantes assumiu o comando do navio, sem pedir a opinião de ninguém. Sua primeira resolução no comando foi a de fazer-nos perder um dia e meio de viagem para, inexplicavelmente, **APORTAMOS** na ilha de Elba, em vez de irmos direto para Marselha.


— Como imediato cabia a ele capitanear o navio depois da morte de Leclère, mas sair da rota foi um erro. Vou perguntar a ele o porquê de tal desvio. Dantes — gritou o dono do navio —, assim que terminar sua tarefa, venha até aqui novamente, por favor.

 **PRESENTIMENTO:** intuição, presságio

 **ATRACAR:** encostar no cais

 **IMEDIATO:** após o capitão, primeiro posto no comando de um navio

 **COMISSÁRIO:** responsável pela administração e contabilidade de um navio

 **APORTAR:** dirigir ao porto



Minutos depois, o jovem chegou e Danglars ficou dois passos atrás de Morrel, como uma sombra. O proprietário do navio confiava em Dantes e sabia que o rapaz era um marinheiro esforçado e honesto. Se Dantes havia saído do **CURSO** inicialmente **ESTIPULADO**, ele deveria ter um bom motivo para isso. Morrel perguntou qual tinha sido a razão e Dantes respondeu:

— Horas antes de morrer, o capitão Leclerc me ordenou que aportasse o Faraó na ilha de Elba, com o objetivo de entregar um pacote ao Marechal Bertrand.

Os olhos de Morrel se arregalaram um pouco e, olhando para os lados, ele se aproximou de Dantes e perguntou baixinho:

— Por acaso você chegou a ver o imperador?

— Sim. Napoleão foi até o porto. Estava interessado no Faraó. Acho que se eu fosse o dono, ele teria feito uma oferta. Quando eu disse que o navio pertencia à família Morrel de Marselha ele abriu um sorriso. “Conheço os Morrel! Estão na Marinha mercante há muito tempo. Mas um deles foi meu oficial na campanha de Valência”.

— É verdade! — disse o chefe de Dantes, cheio de orgulho. — Meu tio, Policar Morrel, lutou ao lado de Napoleão. O imperador tem uma memória incrível!

Dantes apenas olhava a euforia do dono do Faraó. A paixão pela política era capaz de incendiar a alma de alguns homens, mas Edmundo Dantes era apenas um **MARUJO**; seus sonhos não iam além de um salário justo como capitão do Faraó, para dar conforto ao seu velho pai e a Mercedes, sua noiva. Aliás, Dantes estava ansioso para revê-la, mas Morrel continuava falando:

— Você agiu bem ao **ACATAR** as ordens de Leclerc, mas não comente com ninguém sobre o tal pacote entregue a Bertrand nem sobre sua conversa com Napoleão. A França está cheia de urubus que adorariam prendê-lo por isso.

— Mas eu apenas cumpri uma ordem e sequer sabia qual era o conteúdo do pacote. Quanto a Napoleão, tivemos uma conversa normal, que qualquer um poderia ter, sem o menor conteúdo político.






— Eu sei, Dantes, mas vivemos tempos difíceis. É melhor você ser discreto.

— Tudo bem, senhor Morrel. Um pouco de **DISCRIÇÃO** sempre faz bem.

Como uma espécie de prêmio pela responsabilidade e pelo trabalho bem-feito que Dantes executara, Morrel o convidou para jantar em sua casa, mas Dantes recusou, pois tinha que ver seu pai e sua noiva naquele dia ainda.

— Ah, o amor — disse Morrel. — Mercedes esteve em meu escritório três vezes durante a sua ausência, querendo saber notícias de seu amor. Ela é uma bela garota e certamente será uma esposa fiel e dedicada. Cuide bem dela, Dantes.

Dantes abriu um sorriso imenso e falou que aquela era a melhor missão da vida dele.

-  **CURSO**: rota, caminho
-  **ESTIPULADO**: previsto, calculado
-  **MARUJO**: marinheiro
-  **ACATAR**: obedecer, respeitar
-  **DISCRIÇÃO**: prudência, reserva





— Então vá logo ver sua amada! Boas férias, Dantes. Mas não esqueça de voltar aqui dentro de trinta dias, pois o Faraó não poderá partir sem seu novo capitão!

Aquela notícia sacudiu Edmundo Dantes por inteiro. Aos 19 anos, ele era promovido a capitão de um navio mercante! A velhice de seu pai e seu casamento com Mercedes estavam garantidos. Feliz, o jovem agradeceu ao senhor Morrel e em seguida partiu para rever aqueles a quem amava.

O proprietário e o comissário do Faraó ficaram lado a lado, observando Dantes se distanciar em liberdade, até que se misturasse no **BURBURINHO** do porto e não fosse mais possível vê-lo. Morrel tinha olhos de admiração para o jovem, mas Danglars estava mordido por dentro. Tinha 25 anos e continuaria sendo o comissário do navio. Além disso, era detestado pela tripulação, devido ao seu jeito reservado e calculista. Dessa forma, era com um certo ódio que olhava Dantes se afastar.









Indiferente à **INVEJA ALHEIA**, Edmundo Dantes deu um belo abraço em seu pai. E, feito um **TAGARELA**, foi logo contando as novidades de sua última expedição. Após revê-lo, Dantes correu até a casa de sua amada Mercedes.

## CAPÍTULO 2

Mercedes era filha de **CATALÃOS** e, naquela época, o casamento com estrangeiros não era costume entre as moças de seu povo. Seu primo Fernando sabia disso e **SE OPUNHA VEEMENTEMENTE** à união de Mercedes com um **MERO** marinheiro francês. Na verdade, antes de preocupar-se com a tradição do povo catalão, Fernando queria mesmo era casar-se com Mercedes, sua prima, a quem julgava amar.

Caderousse, dono de uma taverna na região, sabia das intenções de Nicolas. O primo de Mercedes estivera uma ou duas vezes em seu estabelecimento comercial, bebendo e “dando com a língua nos dentes”. Caderousse não chegava a ser um fofoqueiro, mas comentou a situação do rapaz com outros fregueses do bar e esses trataram de espalhar e aumentar as notícias do “drama” de Fernando.

A tarde se despedia do mundo enquanto Edmundo e Mercedes passeavam de mãos dadas pelas ruas estreitas de Marselha. Danglars, Fernando e Caderousse

-  **BURBURINHO:** som ininteligível, produzido por muitas pessoas
-  **INVEJA:** cobiça, desejo violento de possuir o que pertence a outros
-  **ALHEIA:** dos outros
-  **TAGARELA:** falante
-  **CATALÃO:** povo oriundo da Catalunha
-  **SE OPOR:** ser contra
-  **VEEMENTEMENTE:** com entusiasmo, com força
-  **MERO:** simples, comum

estavam tomando vinho e falando sobre a vida de marinheiro quando o jovem casal passou em frente ao bar. Foi o bastante para despertar em Fernando tristeza e sensação de fracasso.

Para piorar, Caderousse falou:

— Dantes vai ser o capitão do Faraó e pedirá a mão de Mercedes!

Os olhos de Fernando se apertaram com ódio. Danglars notou a raiva do primo de Mercedes e resolveu tirar proveito disso, afinal, ele também invejava Dantes e queria o posto de capitão do navio. Sua tática foi a mais covarde possível. Com a mão esquerda, para disfarçar a letra, escreveu um bilhete que dizia:

*ATENÇÃO, SENHOR PROCURADOR:*

*TENHO INFORMAÇÕES SEGURAS QUE DÃO CONTA QUE EDMUNDO DANTES, IMEDIATO DO NAVIO FARAÓ, ESTEVE NA ILHA DE ELBA, DE ONDE TROUXE UMA CARTA ENDEREÇADA A SIMPATIZANTES PARISIENSES DE NAPOLEÃO. SERIA PRUDENTE INVESTIGÁ-LO E PRENDÊ-LO CASO TAL CARTA SEJA ENCONTRADA EM SUA POSSE.*

Caderousse gritou com Danglars, dizendo que não deveria brincar com aquilo. Naqueles tempos de perseguição política, uma carta daquelas era capaz de destruir a vida de qualquer um.

— Acalme-se, Caderousse. Estou apenas brincando — disse Danglars, amassando e atirando o papel no chão.

— Chega de bebida por hoje — disse o dono do bar com visível mau humor.


Danglars se retirou e quando caminhava se afastando do bar, viu Fernando se agachar e juntar a carta **DIFAMATÓRIA**. O primo de Mercedes tinha mordido a isca. Com um ar **SINISTRO** na boca, Danglars pensou: “foi mais fácil do que eu pensava. Agora é apenas uma questão de tempo”.


Nos dias que se seguiram, Morrel oficializou a promoção de Dantes a capitão do Faraó. Mercedes ficou tão feliz que o jovem casal decidiu antecipar o casamento para dali uma semana. Queriam aproveitar os poucos dias de folga para ficarem juntos, afinal Dantes em breve voltaria ao mar, onde trabalharia por meses.

Como não tinham dinheiro para organizar uma grande festa, Mercedes e Dantes convidaram os amigos para um almoço na cantina de Caderousse. Além de seus familiares, estavam presentes vários marujos do Faraó, seu dono, Morrel, e alguns amigos de infância do casal. Danglars também havia comparecido. Após o almoço o grupo se dirigiria à igreja onde os jovens oficializariam o matrimônio.

Era o dia mais feliz da vida de Dantes até que pancadas violentas fossem ouvidas na porta da cantina, seguidas de uma voz firme:

— Abram a porta em nome da lei!

 **DIFAMATÓRIA:** caluniosa, mentirosa

 **SINISTRO:** terrível, mau





Era a polícia. Cumpriam ordem. Tinham vindo buscar Edmundo Dantes. Houve muita discussão e quase um princípio de briga. Mesmo muito enraivecido e indignado com a situação, Dantes achou melhor ir com eles, para que ninguém se ferisse ou fosse preso por brigar com policiais. Antes de sair porém falou:

— Gente, tudo isso com certeza é um grande engano. Eu nunca fiz nada de errado, vocês sabem. Logo que tudo estiver resolvido, eu volto. Eu te amo, Mercedes, e nada vai nos separar.

A jovem queria chorar muito, mas foi forte. Os guardas arruinaram seu casamento e levaram o homem que ela amava, sem ao menos dizerem qual era a acusação contra ele, com a justificativa de ser um segredo de Estado.

Na presença da autoridade encarregada de **INTERROGÁ-LO**, mesmo revoltado, Dantes procurava se acalmar.

— Qual seu nome?

— Edmundo Dantes.

— Sua idade.

— Tenho quase vinte anos, senhor.

— O que você estava fazendo no momento da prisão?

— Estava em meu casamento. Estava prestes a me casar com a garota que eu amo e com quem namoro há três anos.

O juiz, cujo nome era Villefort, fez uma pausa. Aquela era uma situação realmente injusta, pensou. Mas o dever o mandava continuar interrogando.

— Você está metido na política?

— Não senhor, sou apenas um marinheiro. Trabalho no navio Faraó.

Ao ouvir o nome do navio, o juiz **ARQUEOU** as sobranças.

— Dantes, você é partidário da causa de Napoleão?

Imediatamente, Dantes lembrou-se do episódio na ilha de Elba e com isso demorou um pouco para responder a pergunta, mas falou:

— Não, senhor juiz. Meus interesses são apenas navegar, para garantir o sustento de meu velho pai e de minha futura família.


— Mas o senhor esteve na ilha de Elba recentemente, não esteve?

— Estive — disse Dantes com seu coração puro.

— O senhor se encontrou com Napoleão?

Então Dantes contou todos os fatos para o juiz, sobre a morte de Leclerc e seu pedido, motivo pelo qual Dantes fora a Elba entregar uma carta. Contou também que, na ilha, o marechal Bertrand lhe entregara outra carta, com destino a alguém em Paris. Os navegadores da época eram acostumados a trabalhar como correios nas localidades distantes por onde passavam. Dantes explicou para o juiz Villefort que apenas cumprira uma ordem de seu superior e o último desejo de um homem que estava morrendo. Villefort admirava a coragem e a sinceridade de Dantes, mas sua conduta não estava de acordo com a lei.

 **INTERROGAR:** indagar

 **ARQUEAR:** levantar em forma de arco

– Você já foi a Paris entregar a carta que Bertrand lhe deixou em mãos?

– Não senhor. Mas pretendo ir esta semana.

– Bom, me parece que você é um bom jovem, Dantes. Vejo que foi sincero em seu depoimento e que foi alvo da intriga de algum sujeito mal-intencionado que escreveu um bilhete anônimo incriminando sua ida a ilha de Elba. Creio que você seja alvo de inveja, Dantes. Tome cuidado com aqueles que o cercam, veja se pode realmente confiar em todos. Acredito que um jovem como você, já assumindo as responsabilidades do casamento e o posto de capitão, deva despertar muita inveja.

– Nunca tinha dado importância a isso, mas o senhor está certo. De agora em diante vou me cuidar mais.

– Bom, então me entregue a carta que Bertrand lhe confiou e poderá seguir sua vida livremente.

– Sem problemas, ela está na casa de meu pai. É uma carta endereçada a Noirtier, na estrada Heron em Paris.

O ambiente que parecia calmo tornou-se negro quando Villefort ouviu o nome “Noirtier”.

– Você disse Noirtier?

– Sim, esse é o nome que está no envelope. Você o conhece?

– É claro que não! Um verdadeiro súdito do rei da França não conhece e não **COMPACTUA** com pessoas que querem **DEPOR** sua majestade! – disse Villefort com o tom de voz alterado.

– Eu não faço idéia de quem seja ele. Apenas vi o nome no envelope.

– Você mostrou a carta para mais alguém?

– Não senhor, para ninguém. Palavra de honra.

– Infelizmente não posso mais liberá-lo agora. Primeiro precisamos analisar o conteúdo da carta. Você ficará detido por mais uns dias. No entanto, vou queimar a única prova que existe contra você, este bilhete anônimo.

Antes que Dantes pudesse pensar a respeito, Villefort já havia queimado uma peça que poderia servir para provar sua inocência. Em seguida chamou guardas e Dantes foi levado.

Pensamentos sombrios martelavam na cabeça do juiz:

– Se alguém descobrir o conteúdo desta carta antes de mim, estarei numa situação delicadíssima. Pior ainda será se descobrirem que Noirtier é meu pai; minha carreira estaria arruinada. Edmundo Dantes deve ser considerado perigoso, deve ser isolado, num lugar em que ninguém possa escutá-lo.



**COMPACTUAR:** se relacionar, fazer acordos



**DEPOR:** retirar do cargo



## CAPÍTULO 3

Aquela noite Dantes passou numa cela na cidade de Marselha, mas logo cedo, no outro dia, os soldados vieram e o conduziram até o porto. De lá embarcou num pequeno bote e foi levado à ilha de If. Só então Dantes tomou consciência da gravidade de sua situação.

Villefort havia manipulado os fatos e Dantes foi trancafiado numa cela escura e úmida daquele presídio secular, que abrigava grandes criminosos e presos políticos, considerados inimigos do rei. Nos primeiros meses, Dantes achava que sua situação seria resolvida rapidamente, mas as estações mudavam e sua vida se tornava a cada dia mais monótona e solitária. Era proibido de receber visitas, não tinha nenhuma notícia do mundo exterior. Como resultado, ao final de um ano encarcerado, começava a perder as esperanças.







Alguns anos se passaram e numa manhã, que não era chuvosa nem ensolarada, mas apenas uma manhã comum dentro da prisão, o governador chegou à ilha de If. Junto do inspetor do presídio, visitou as acomodações de dezenas de prisioneiros, perguntando a eles sobre a qualidade da comida e sobre como estes eram tratados. Alguns eram tímidos e não conseguiam responder, apenas abaixavam a cabeça envergonhados, mas a grande maioria reclamava da péssima qualidade dos alimentos servidos e se dizia inocente, implorando **INDULTO**.

De certa forma o governador se divertia com a sensação de poder que tinha sobre aqueles homens. O carcereiro não entendia o porquê de o governador visitar o presídio, de cela em cela, ouvindo as mesmas lamúrias. Quando chegaram ao fim de uma ala, o governador quis saber se havia mais presos no prédio.

— Sim, senhor. Os loucos e os muitos perigosos estão confinados nos porões, Excelência — disse o carcereiro.

— Leve-me até eles. Quero ver a cara dos delinqüentes mais temidos da França.

Os carcereiros não entendiam a necessidade de uma autoridade como a do governador querer **SE EMBRENHAR** num lugar tão horroroso como aquele. Na verdade, além do prazer que sentia ao entrar em contato com o **SUBMUNDO**, o governador **PREZAVA** a justiça e a igualdade, por isso queria dar a todos os presos a chance que fazer suas **REIVINDICAÇÕES** pessoalmente. Mesmo que isso incluísse entrar nos **FÉTIDOS** e úmidos corredores do porão daquele velho castelo transformado em presídio.

-  **INDULTO:** perdão, clemência oficial
-  **SE EMBRENHAR:** se meter
-  **SUBMUNDO:** ambiente de marginais
-  **PREZAR:** respeitar, estimar
-  **REIVINDICAÇÃO:** exigência, reclamação
-  **FÉTIDO:** fedorento





— Eu imagino que os desgraçados que vivem aqui devam ter cometido crimes realmente **HEDIONDOS**. Esse cheiro é praticamente insuportável e essa umidade é capaz de **CORROER** os pulmões de qualquer um! — disse o governador, muito indignado.

— Realmente, Excelência. Nesta área se encontram as criaturas mais **DESPREZÍVEIS** da França.

Quando o grupo se aproximou da cela de Dantes, o jovem correu e se agarrou nas grades. Gritava:

— Governador! Governador! Aqui, por favor. Venha me ver! Venha falar comigo, por favor.

Os guardas entraram na cela e o empurraram contra a parede.

— Chega de histeria, 34. Se quiser que o governador lhe ouça terá de se acalmar!

Dantes controlou a voz e respirou fundo. Era difícil manter a calma. Havia esperado meses por aquele encontro. Quando o governador se aproximou, o jovem contou sua história de uma forma apaixonada, um pouco nervosa e muito **COMOVENTE**. Ao final do relato, Dantes, com os olhos cheios de lágrimas que teimavam em não cair, disse:







— Por isso lhe peço, Excelência, que revise meus **REGISTROS**. Estou certo de que me encontro aqui devido a um mal-entendido. Observe minha ficha, por favor. Eu não sou um criminoso. Sou apenas um rapaz que estava prestes a casar com a mulher da minha vida e a me tornar capitão de um navio, quando minha vida foi interrompida. Antes de ser mandado para cá eu tive uma audiência com o senhor Villefort. Ele fez anotações na minha ficha e eu acredito que essas anotações comprovem a minha inocência. Tudo que peço é que o senhor verifique tais documentos. Eles são minha grande esperança e meu passaporte para a liberdade.

— Por que você não pediu para outros encarregados checarem isso para você?

— Eu tentei, senhor, mas fui mal interpretado e acabei sendo transferido para esta ala, de loucos e de bandidos perigosos.

O governador nada disse. Apenas ficou olhando para Dantes e pensando se toda aquela história seria verdade. Se fosse, não era justo que um jovem tivesse sua vida arruinada por um engano burocrático. Por isso prometeu **AVERIGUAR** a ficha do prisioneiro.

Quando se dirigiam a outra cela, um carcereiro falou:

-  **HEDIONDO**: repulso, horrendo
-  **CORROER**: consumir aos poucos, carcomer
-  **DESPREZÍVEIS**: inútil, abjeto
-  **COMOVENTE**: emocionante, que comove
-  **REGISTROS**: históricos, fichas
-  **AVERIGUAR**: conferir, verificar





— São todos iguais, senhor. Agora juram que são bonzinhos, mas lá fora eram inimigos da França e malfeitores de nossa sociedade. Devíamos sorrá-lo, isso sim.

Para a sorte de Dantes, o governador não era **ADEPTO** da violência e apenas ignorou a sugestão do funcionário do presídio.

Mais tarde, examinando os registros da penitenciária, o governador descobriu a seguinte notificação na ficha de Dantes:

*EDMUNDO DANTES  
HOMEM PERIGOSO. TENTOU AJUDAR NAPOLEÃO A RETORNAR  
DO EXÍLIO NA ILHA DE ELBA. DEVE SER ISOLADO E VIGIADO COM SE-  
GURANÇA MÁXIMA.*






Internamente o governador queria ajudar o rapaz, pois achava que ele havia sido sincero em seu relato. Contudo, diante da anotação de Villefort no registro da audiência, era impossível alterar a **DETERMINAÇÃO** judicial. Por isso Dantes continuou preso.

Nos dias que se seguiram à visita do governador, Edmundo esteve muito animado. Pensava que sua liberdade era questão de horas, tinha a **CONVICÇÃO** de que Villefort era um amigo. Nem lhe passava pela cabeça que fora traído por ele, que inclusive queimara a única prova da inocência de Edmundo Dantes, o bilhete escrito pela mão esquerda de Danglars...

Assim, uma semana se passou, e depois outra, outra e mais outra, e os meses começaram a desfilar pela pequena janela da cela com quatro grossas barras de ferro no alto. A esperança de Dantes foi **ESMAECENDO** até que o rapaz pensava ter sonhado com a visita do governador.

Até que numa noite chuvosa, Dantes ouviu um ruído estranho. Estava deitado na cama, tentando lembrar dos bons momentos que passara com Mercedes, para que a vontade de revê-la lhe desse forças para agüentar o sofrimento. Pensou que deveria ser algum rato e decidiu ignorar. Mas como o ruído continuava e perturbava sua meditação, ele decidiu espantar o roedor. Vasculhou a cela, mas não encontrou nada. Conseguiu, porém, identificar a origem do barulho: vinha de dentro da parede.

Na outra noite o ruído se repetiu um pouco mais nítido, mais perto, e Dantes descobriu o que era: alguém estava escavando a parede. Alguém tentava fugir da ilha de If! Essa idéia **INFLOU** suas esperanças novamente. O simples fato de pensar numa fuga já mexia com ele e o deixava animado. Decidiu cavar também.

-  **ADEPTO:** partidário, simpatizante
-  **DETERMINAÇÃO:** decisão, resolução
-  **CONVICÇÃO:** certeza, segurança
-  **ESMAECENDO:** perdendo a cor
-  **INFLOU:** encheu, inchou

Precisava ao menos se comunicar com o **PRETENSO** fugitivo. Por isso quebrou o pote de cerâmica no qual suas refeições eram trazidas e guardou dois belos cacos pontudos para iniciar sua escavação. É claro que o carcereiro não gostou nada de ver o pote quebrado na manhã seguinte. Mas, além dos xingões, Dantes ganhou um pote novo.

Na direção de onde vinha o ruído, ele conseguiu em uma semana retirar uma pedra da parede. Para a sua surpresa havia um vão entre a parede de pedra e a terra. Neste espaço Dantes depositava a terra oriunda de sua escavação. Cavar o fazia feliz. Cavava com animação e silêncio. Estava preso há dois anos; se tivesse começado a cavar antes, pelos seus cálculos, já poderia ter um belo túnel de seis metros de profundidade por meio metro de **EMBOCADURA**. Embora não soubesse onde aquele buraco iria sair.

À medida que seu trabalho progredia, os ruídos do outro lado iam ficando mais fortes, mas Dantes nunca tentou falar com quem os produzia. Tinha medo de que os guardas ouvissem a sua voz. Somente quando seu caco de cerâmica atingiu uma dura **VIGA** é que Dantes soltou uma exclamação:

— Meu Deus do céu! Agora me ferrei. Quero morrer! Todo meu trabalho foi em vão! Perdi toda a esperança!

— De quem é essa voz **PARADOXAL**, que fala de Deus e de falta de esperança ao mesmo tempo?

O sangue de Dantes simplesmente congelou ao ouvir aquela voz vinda de um nível um pouco abaixo de onde estava sua cela. Não ouvia um som humano, com exceção da voz do governador, desde que fora preso. É bom que se diga que, para um prisioneiro, os carcereiros não são bem humanos, eles parecem mais com portas-vivas do que com alguém que tenha sentimentos.

— O quê? — disse Dantes, ainda **PERPLEXO**. — Pelo amor de Deus, fale de novo ou eu vou pensar que enlouqueci!

— Quem é você? — disse a voz, atendendo ao pedido de Dantes.

— Sou um prisioneiro da infelicidade.

— Que crime você cometeu?

— Não cometi crime nenhum! Sou inocente!






— Mas de que crime você foi acusado?

— Ele me acusam de tentar ajudar Napoleão a retornar à França.

— Retornar? Então ele não está mais na França

— Ele está exilado na ilha de Elba desde 1814! Desde quando você está aqui?

— Desde 1811!

-  **PRETENSO**: suposto, falso
-  **EMBOCADURA**: entrada
-  **VIGA**: grande peça de madeira usada em construções
-  **PARADOXAL**: contraditório
-  **PERPLEXO**: atônito, estupefato





Dantes ficou surpreso, o homem já estava ali há seis anos. Pensou em dizer alguma coisa, mas escutou novamente a voz do estranho:

– Me diga uma coisa: sua voz vem de um nível um pouco acima do meu. Se eu terminar minha escavação, o que vou encontrar?

– Há uma grande viga de madeira e depois há a minha cela.

– Quer dizer que ainda estamos longe do nível do solo? Quer dizer que caí no sentido errado durante todos esses anos!

– Qual era o seu plano?

– Queria abrir uma passagem até o rochedo onde o mar encontra a ilha. E depois nadaria até o continente.

– Mas você agüentaria nadar toda essa distância?

– Deus me daria forças... mas agora vejo que meu esforço foi todo em vão. Estou muito cansado. Vou dormir. Não cave mais. Conversamos amanhã à noite, depois que os guardas trouxerem o jantar.




Dantes concordou. Estava alegre porque teria alguém com quem conversar, mas ao mesmo tempo tinha medo de que não fosse possível achar uma saída da-quele **CALABOUÇO**.

## CAPÍTULO 4

Na outra noite as duas vozes voltaram a conversar. Combinaram que continuariam cavando para tentar melhorar a comunicação entre eles. Desenvolveram um sistema de vigia que permitia cavarem durante o dia. Se um guarda se aproximasse um deles emitia um sinal sonoro, um assobio, e o outro parava de cavar.

Dessa forma, contornaram a viga e, numa noite em que Dantes descansava, sentiu parte do chão embaixo de sua cama desmoronar. Houve algum ruído, que por sorte não foi notado pelos guardas que procuravam se manter longe dos porões fedidos. Dantes afastou sua cama e viu várias pedras soltas. Algumas se mexiam. Começou a removê-las rapidamente e logo apareceram dois braços magros e duas mãos sujas e calejadas. Em seguida surgiu um rosto assustado, um pouco ferido, tomado por uma longa barba cinza.

Dantes ajudou aquele homem pequeno e franzino a sair do buraco e com um pano úmido limpou seu rosto. Os olhos miúdos do homem se **ENTERNECERAM**. Estava preso há tanto tempo que ter recebido aquela ajuda simples quase o levou às lágrimas. Edmundo também estava **COMOVIDO**. Era como um parto. Era

-  **CALABOUÇO:** prisão subterrânea, cárcere
-  **ENTERNECERAM:** tornaram-se ternos, sensibilizados
-  **COMOVIDO:** emocionado

como se aquele esforço todo da escavação fosse uma gravidez, da qual nascia uma grande amizade. Olhando para o homem, Dantes pensou que ele deveria ter quarenta e poucos anos, embora estivesse envelhecido pelo **RIGOR** do cárcere. Seus cabelos eram brancos, longos e desajeitados. Ao redor dos olhos, sua face era um tanto rugosa e quase todo o restante era coberto por uma fofa e vasta barba **GRISALHA**.

Logo o pequeno homem se recuperou do susto e começou a falar:

— Temos que ajeitar esse piso. Os guardas não podem descobrir nossa passagem secreta.

Dantes se espantou, pois o velho manuseava as pedras com muita facilidade e se movimentava com uma agilidade entusiasmante. Em alguns minutos o chão estava restaurado, com uma parte de fácil remoção que serviria de “porta” entre a cela de Dantes e a de seu vizinho. As celas não eram grudadas uma na outra, estavam distantes mais ou menos uns seis metros, sendo que a de Dantes ficava num nível mais elevado e era preciso rastejar de uma a outra.

— O que você usou para cavar? — perguntou o velho.

Dantes mostrou os cacos do pote.

— Você está usando ferramentas muito ruins! Eu projetei instrumentos melhores com partes de minha cama. Vamos ter que **CONFECCIONAR** uns para você. Pelo jeito vamos ter que cavar muito para atingir o lado de fora do rochedo e o mar.

— E não podemos cavar na direção errada — disse Dantes. — Se você continuasse cavando, seu túnel sairia no meio do pátio do presídio, bem no meio dos soldados.





— É verdade, mas temos mais três lados nesta cela. Vamos examiná-los e decidir para que lado cavar.

Um dos lados os conduziria ao corredor e a outras celas, portanto era **INVIÁVEL**. Do outro lado havia uma parede de rocha que era impossível de ser vencida. No último lado havia a pequena janela gradeada, no alto da parede. Dantes ergueu o velho que se apoiou em seus ombros, conseguindo se agarrar às barras. Forçando sua musculatura, o velho conseguiu espiar do lado de fora da pequena janela onde talvez nem uma criança conseguisse passar.

Assim que o velho espiou a paisagem do lado fora, ele rapidamente se soltou da grade e desceu correndo.

— O que foi? — quis saber Dantes.

— Do lado de fora há um caminho rente ao paredão do presídio por onde os guardas transitam dia e noite. Eu vi um deles ao longe e fiquei com medo de que me visse, por isso desci correndo...

-  **RIGOR:** dificuldade, dureza
-  **GRISALHA:** acinzentada
-  **CONFECCIONAR:** fabricar
-  **INVIÁVEL:** que não é prudente executar





- Mas você acha que podemos escapar daqui?
- O homem pensou um pouco e com ar triste falou:
- Não há fuga possível deste local.

Dantes ficou **ABISMADO**. Como era possível que uma pessoa tentasse realizar seu sonho (fugir da cadeia) durante seis anos e, de um segundo para o outro, desistisse de tudo? Não dava para acreditar. Por alguns minutos os dois ficaram calados. Até que Dantes perguntou:

- Você pode ao menos me dizer qual o seu nome, 27?

Antes de se conhecerem pessoalmente os dois de tratavam apenas pelo número de prisioneiro.

- Meu nome é Faria.

– Por que você foi preso? Você não parece um criminoso... para mim você é um sujeito muito ativo, trabalhador e inteligente.

Faria agradeceu os elogios com um sorriso. Talvez um dos poucos sorrisos que conseguiram atravessar a sua barba **ESPESSA** naqueles anos de isolamento.



– Antes de estar preso aqui no Castelo de If eu fiquei três anos detido em Fenestrelle. Como você deve saber, a Itália está dividida numa série de pequenos países, governados por diferentes autoridades. Sempre desejei fazer da Itália um só país, governado por um só rei. Confiei meus ideais e minhas forças a um homem que eu julgava ser digno de unificar o país e de ocupar o trono, mas ele se mostrou um canalha. Apenas se aproximou de mim para ouvir meus planos e depois me traiu.

Dantes também contou sua história com detalhes e os dois amigos foram atravessando a noite numa conversa animada, embora num baixo tom de voz, para que os guardas não ouvissem nada.

Na outra noite Dantes foi conhecer a cela de Faria. Lá Edmundo ficou conhecendo as engenhocas produzidas pelo espírito criativo de seu amigo. Faria procurava transformar as limitações da vida na casa de detenção em desafios para a sua criatividade. Desse modo ele inventava alternativas que facilitavam sua vida.

Separando a gordura das carnes enviadas no almoço, Faria extraiu um óleo e conseguiu produzir uma lamparina que funcionava muito bem à noite. Para Edmundo, escutar e conversar com seu amigo era uma verdadeira aula. O revolucionário que um dia sonhou em unificar a Itália dominava muitos assuntos e tinha paciência e prazer em transmitir seu conhecimento para Dantes.

Numa situação normal, fora da cadeia, seria muito difícil que uma pessoa culta como Faria se interessasse em conversar e em ensinar um pescador humilde como Dantes, mas dadas as circunstâncias os dois realizavam uma troca. Dantes ganhava conhecimento e Faria ganhava companhia. Nesse ritmo os dois formaram um grande laço de amizade.

-  **ABISMADO:** surpreso, assombrado
-  **ESPESSA:** grossa, densa

Dantes era bom aluno. Rapidamente foi aprendendo coisas sobre história, política e conhecimentos gerais. Depois aprendeu inglês e italiano. Para se distrair conversavam nessas línguas, dessa forma não cansavam da companhia um do outro. Com o passar do tempo, Edmundo Dantes estava mudado, embora o mundo em volta dele continuasse duro como as rochas do Castelo de If. Já seu amigo Faria ia ficando cada vez mais fraco e envelhecido.

Um dia, enquanto Dantes trabalhava para melhorar a passagem entre as duas celas, Faria descansava na cama de seu amigo. Foi quando o jovem ouviu um grito de dor e o barulho de objetos caindo. Faria havia tido um ataque. Dantes correu até sua cela, onde o velho se contorcia de dor. Edmundo tocou o braço do amigo e percebeu que este estava gelado. Era como se o sangue de Faria houvesse congelado...

Com dificuldade, Faria disse:

— Vá até meu quarto, levante o pé esquerdo da cabeceira da minha cama. Há um frasco com líquido vermelho escondido lá. Traga-o até aqui e pingue nove gotas na minha boca. Vá depressa, minha vida corre perigo.

Com muita velocidade, Dantes atravessou a passagem, pegou o remédio e voltou para sua cela. Com a mão esquerda Edmundo abriu a boca de Faria que já estava inconsciente e com a direita aplicou a droga. Era possível escutar o coração de Faria batendo lentamente. Não fosse isso, Dantes pensaria que seu amigo estava morto. Sua pele continuava gelada e seu corpo parecia uma estátua deitada. Mesmo sabendo que movimentar o doente pela passagem representaria um risco para a vida de Faria, Dantes não tinha escolha. Em alguns minutos o guarda estaria ali e se vissem Faria na cela de Edmundo, os dois poderiam ser mortos.

Com muito cuidado, Dantes carregou o amigo pela passagem, ainda apertada, mas, graças à dedicação de Dantes, muito mais **APERFEIÇOADA** do que o túnel estreito da época em que conhecera Faria. Chegando na cela do revolucionário italiano, Dantes o ajeitou na cama. O guarda pensaria que o velho estava apenas dormindo. Antes de voltar apressado para sua cela, Edmundo cochichou para o amigo:

— Força, Faria. Força. Use sua esperança. Use sua vontade de viver. Não se entregue, amigo. Lute.

Faria nada falou, mas sua pele começava a assumir uma coloração mais saudável. Assim que Dantes chegou na sua cela, o guarda apareceu trazendo a refeição noturna. Por alguns segundos sua pele estava salva.

Assim que o guarda voltou para seu posto do lado de fora daquele porão **IMUNDO** onde Dantes e Faria estavam encarcerados, Edmundo voltou correndo à cela do amigo, sem sequer tocar em sua refeição. Dantes ajudou seu co-

 **APERFEIÇOADA:** sofisticada, bem desenvolvida  
 **IMUNDO:** sujo, emporcalhado





lega a se alimentar e aos poucos, por trás daquela longa barba, um rosto expressivo foi aparecendo.

Faria contou que tinha aquela doença há alguns anos, mas que a dita estava ficando cada vez mais forte. Disse que aquele tinha sido o pior ataque e que não sabia se poderia sobreviver ao próximo. Dantes sorriu para o amigo dizendo palavras de incentivo, tentando devolver o ânimo àquela figura antes tão cheia de vida.

Se tinha alguma dúvida em relação à amizade verdadeira de Dantes, após aquele episódio Faria teve a certeza de que Dantes era totalmente íntegro, puro e confiável.

## CAPÍTULO 5

Assim que recuperou suas forças, Faria preparou uma surpresa para seu amigo. Ao anoitecer, após a saída do guarda que trazia o jantar, Dantes foi visitar seu companheiro. Estranhou que o velho não o tivesse cumprimentado, mas pegou o pedaço de papel que Faria estendia para ele.

Com curiosidade, leu o pedaço de folha queimada pela metade:

– Não consigo entender o que está escrito nesta carta. Alguém queimou o texto... O que significa tudo isso?

– Dantes, quando estive à beira da morte sua ajuda foi fundamental para mim. Sem ela eu já não estaria mais aqui...


– Não fale isso, Faria, qualquer um teria feito a mesma coisa, eu só...

– Não, Dantes, sua atitude foi **HERÓICA**. Por isso quis lhe mostrar esse pedaço de papel queimado. Não é uma carta, mas sim um mapa do tesouro! Muitas pessoas dizem que eu sou louco, quando falo neste tesouro, mas ele existe e esse papel é a prova disso.


– Mas é impossível entender o que está escrito!

– Difícil sim, impossível não! Durante todos esses anos, tive tempo suficiente para **DECIFRAR** o **ENIGMA**, olhe aqui – disse Faria, estendendo outro papel, inteiro e sem queimaduras.

*Dia 25 de maio de 1498, eu fui convidado para jantar com César Borgia. Temia que ele fosse me matar para pegar todas as minhas riquezas como ele fez com os príncipes Capra e Bentivoglio.*

 **HERÓICA:** corajosa, digna de um herói

 **DECIFRAR:** desvendar, descobrir

 **ENIGMA:** mistério, coisa de difícil explicação



*Desejo que, após minha morte, tudo o que tenho fique de herança para Guido Spada. Escondi meu tesouro num lugar conhecido dele, na ilha de Monte Cristo. Todo meu ouro, meu dinheiro e minhas jóias estão escondidos lá. Levante a 22ª rocha da orla da pequena baía ao leste. Lá degraus o conduzirão ao subsolo. Abra caminho na parede até uma segunda sala. O tesouro está no canto nordeste desta sala.*

César Spada

Os olhos de Dantes brilharam. A idéia de um tesouro era realmente **OFUSCANTE**. Como não sabia quem eram aquelas pessoas **MENCIONADAS** na carta, Edmundo perguntou:

— Vou contar toda a história para você e verá que este tesouro realmente existe e não é o delírio de um velho prisioneiro.

Faria contou que era amigo do príncipe Spada, o último de sua **ESTIRPE**. A família de Spada havia sido muito rica no passado, mas devido a constantes guerras, perderam poder e entraram em decadência. Como resultado, o príncipe amigo de Faria não tinha nem sombra da riqueza de seus antepassados. No entanto possuía uma cultura vastíssima, além de ser bastante sábio. Foi com ele que Faria aprendeu muitas de suas habilidades. Faria gostava de conversar com o príncipe para aprender. Tinha orgulho em ser amigo de um homem culto.

O príncipe passava horas na biblioteca de sua propriedade, lendo livros e analisando velhos documentos. Um dia fez uma descoberta notável e a contou para Faria. Disse que, certa vez, o temível César Borgia precisava de dinheiro para sustentar suas guerras. Mas a Itália inteira estava arrasada e na miséria devido à várias guerras que haviam acontecido nos últimos tempos. Por isso Borgia resolveu convidar para jantar os nobres e ricos Rospigliosi e Spada — um antepassado do príncipe amigo de Faria.

A mesa com o banquete foi posta no pátio do castelo. Rospigliosi ficou **ENVAIDECIDO** com o convite de Borgia, que era um homem poderoso na época, e colocou sua melhor roupa. Spada, que era um sujeito mais **PRUDENTE**, desconfiava das intenções de Borgia, por isso, antes do jantar, escreveu uma carta.

*Deixo ao meu sobrinho tudo o que tenho, todo meu dinheiro, todos meus livros, inclusive meu diário. Espero que ele guarde este livro para que possa se lembrar de mim.*

Borgia realmente matou os dois nobres e tomou todo o dinheiro de Rospigliosi, mas foi incapaz de encontrar as riquezas dos Spada. Vasculhou o castelo dos Spada e só achou velharias de pouco valor. No final acabou pen-

- **OFUSCANTE:** que ofusca, impede a visão
- **MENCIONADAS:** ditas anteriormente
- **ESTIRPE:** linhagem, raça, ascendência
- **ENVAIDECIDO:** cheio de vaidade, soberba
- **PRUDENTE:** comedido, precavido





sando que aquela família estava mesmo quebrada, vivendo apenas de sua antiga **REPUTAÇÃO**.

Durante décadas, todos os descendentes dos Spada procuraram o tesouro. Muitos pesquisaram os documentos da família, os livros, o diário deixado de herança, mas nada acharam. O mesmo ocorreu com o príncipe Spada, amigo de Faria. Em vão ele tentou encontrar alguma pista do tesouro e, quando estava por morrer, sabia que sua morte seria o fim daquela família, da qual era o último descendente. Por isso deixou para Faria suas poucas posses, entre elas os livros e o diário do velho Spada, pedindo apenas que Faria escrevesse um livro contando a **SAGA** da família Spada.






Como não poderia deixar de ser, Faria também tentou **DESVENDAR** o mistério. Trabalhou com afinco, mas não obtia progresso. Concentrava seus esforços no diário do velho Spada, pois desconfiava que ele tivesse a chave para resolver a questão. Uma tarde, já bem cansado, Faria lia os documentos quando adormeceu debruçado sobre os papéis. Algumas horas mais tarde, quando acordou, já era noite. Ele então tateou o tampo da mesa. Queria pegar um pedaço de papel para iniciar o fogo na lareira.

Cuidando para não pegar papéis que poderiam ser importantes, Faria lembrou que no diário havia uma folha solta, em branco, que era usada como marcador de páginas. Ele resolveu queimá-la para principiar sua fogueira. Quando o fogo começou a **SE ALAISTRAR** pelo papel, Faria percebeu com espanto que letras negras começaram a aparecer em sua superfície.

Imediatamente ele retirou o papel da lareira e apagou o fogo. Spada havia usado uma tinta química muito especial, que só apareceria caso o papel fosse aquecido. Spada foi muito esperto em **ALOJAR** seu mapa num local realmente seguro: na frente de todos. Pena que seus descendentes não tiveram os conhecimentos necessários para acompanhar a lógica de Spada. Por isso, parte da carta ficou destruída. Não fosse o esforço de Faria, a fortuna dos Spada estaria esquecida para sempre.

Faria foi preso na Itália em 1807, um mês após ter descoberto a carta. Quando foi solto ainda não tinha conseguido desvendá-la. Foi apenas alguns anos mais tarde, já prisioneiro na ilha de If, que conseguiu reconstituí-la.

Era essa reconstituição que Edmundo Dantes tinha em mãos. Faria tinha o pressentimento de que morreria na cadeia, mas achava que Dantes poderia sair de lá vivo. Gostava do garoto, tinha gratidão por ele o ter ajudado no momento de crise. Em seu íntimo, Faria tratava Dantes como o filho que nunca tivera. Como um

-  **REPUTAÇÃO:** credibilidade pessoal
-  **SAGA:** história rica em acontecimentos
-  **DESVENDAR:** resolver, revelar
-  **SE ALAISTRAR:** se propagar, disseminar
-  **ALOJAR:** guardar

presente enviado por Deus, para alegrá-lo na solidão do cárcere. Portanto, nada mais justo do que dar a ele a esperança de se tornar um homem rico.

Quando Faria lhe falou sobre o tesouro e desejou que Dantes o resgatasse, o navegador disse com um tom de conformidade:

— Meu amigo Faria, eu aceito e entendo sua bondade e suas boas intenções. Mas prefiro não pensar nisso, pois essa idéia me entristece. Nós nunca vamos fugir desta prisão. Nunca vamos pôr as mãos neste tesouro. Meu verdadeiro tesouro são as boas memórias que tenho de meu pai e de Mercedes e os grandes ensinamentos que você me transmitiu. O resto é apenas ilusão.

Antes que Faria pudesse falar alguma coisa, Dantes se retirou. Parecia ter uma bola de chumbo na garganta. Estava sendo muito amargo com seu amigo e com ele mesmo. Talvez agisse assim como defesa, para não alimentar falsos sonhos.

Entretanto, em algumas noites especiais, antes de dormir, Dantes se pegava transpondo as grades e as pedras de If com sua imaginação. Começava pensando quieto, que a ilha de If, onde estavam presos, estava localizada no litoral francês, próxima à cidade de Marselha, no sul do país. Já a ilha de Monte Cristo estava localizada entre a Itália e a grande ilha da Córseica. Dantes inclusive já havia visto tal ilha em suas navegações. A ilha de Elba, razão de seus **INFORTÚNIOS** na prisão, por exemplo, ficava ao norte de Monte Cristo. Esses pensamentos geográficos inflavam as velas da esperança na cabeça de Dantes. Seu coração se apertava. Sentia vontade de navegar e essas vontades embalavam seus sonhos. Imaginava um reencontro com Mercedes, sonhava ficar rico e reencontrar seu pai, mas naufragava nas maciças paredes da prisão.

Mesmo com o pessimismo de Dantes, Faria o fez decorar o conteúdo da carta, palavra por palavra. Quando Edmundo memorizou a carta, Faria a queimou, para que outros não caíssem na tentação deles. O revolucionário explicava para o marinheiro que a primeira regra na vida de um prisioneiro era manter-se ocupado para não pensar em bobagens e não sofrer com lembranças negativas. Por isso os dois continuavam a conversar e a inventar atividades para se entreterem.

Esse ritmo só foi quebrado quando, certo dia, ouviu a voz fraca e rouca de Faria chamando por seu nome tarde da noite. Imediatamente, Dantes arredou sua cama, removeu as pedras e entrou na passagem rumo à cela de Faria. Ao chegar na cela de seu amigo, Dantes reconheceu, no tom **PÁLIDO** da pele, no olhar vazio e na expressão dolorida, que Faria estava tendo um novo ataque.

— Estou morrendo, Edmundo...

A voz de Faria parecia vir de quilômetros abaixo da terra. Era muito fraca, mas mesmo assim ele insistia em falar, em se despedir de Dantes. O navegador tentava acalmá-lo, enquanto pegava o remédio escondido no pé da cama. Faria ti-



**INFORTÚNIOS:** imprevistos, infelicidades



**PÁLIDO:** com a pele muito branca, descorada





na consciência de que o remédio seria inútil, mas deixou que Dantes o aplicasse, pois o garoto deveria tentar de tudo para salvá-lo, caso contrário poderia se sentir culpado no futuro.

Dantes aplicou duas doses do remédio num intervalo de uma hora. Mas Faria continuava mal. Seu coração ia ficando cada vez mais fraco. Até que o movimento e a vida deixou o corpo cansado do velho Faria. Antes de morrer, ele ainda disse para que Dantes, caso saísse da prisão, fosse atrás do tesouro e que dele usufruísse numa vida de conforto e paz.

Muito triste, Dantes voltou para sua cela, pois o guarda já estava por chegar. Alguns minutos depois, ouviu os gritos do soldado chamando outros carcereiros. Faria estava morto. Dantes ficou atento aos diálogos vindos da cela de seu amigo:

— Parece que o velho louco finalmente vai sair da prisão...

— É, ele morreu com vários sonhos. Uma vez disse que era muito rico, que tinha um tesouro escondido.

— Os presos falam qualquer coisa para escapar daqui.

— Bom, rico ou louco, isso agora não importa. Mesmo com todo o dinheiro do mundo ele só poderia comprar um saco de lona amarelada.

O outro guarda riu e falou:

— Realmente, o saco amarelo da ilha de If não custa nada e é a única coisa que esse velho louco pode ganhar.


Edmundo estava furioso. Queria atacar aqueles guardas que desrespeitavam a memória de uma pessoa recém-falecida. Por sorte guardas foram embora e, mais ou menos uma hora depois, um dos supervisores do presídio foi à cela de Faria e constatou que o homem estava realmente morto. Decidiram fazer o funeral naquela noite mesmo, após o jantar.

— É preciso vigiar o corpo, senhor? — perguntou um dos carcereiros.

— Não! Definitivamente ele não vai a lugar nenhum. Apenas tranque a porta da cela, como se ele estivesse vivo.

Quando ouviu que os guardas tinham ido embora, Dantes voltou à cela de seu amigo. Abriu com cuidado o saco **MORTUÁRIO** e ficou olhando Faria. O rosto parecia calmo, como se estivesse realmente descansando após uma vida de lutas e sofrimentos. A longa barba e as rugas quietas mexeram com Dantes, que tantas vezes havia visto aquela figura pequenina e agitada contar histórias, ensinar coisas... e agora estava tudo perdido. Um desânimo cruel tomou conta de Edmundo e ele percebeu que só sairia de If morto.

Em meio ao desespero desta constatação, uma idéia brilhante cruzou o seu cérebro, como se sussurrada por Deus ou um espírito amigo. Sem pensar, Dantes começou a seguir sua **INTUIÇÃO**. O importante era conseguir sua liberdade. Decidiu que morreria lutando. Morreria um homem livre. Mesmo que fosse morto tentando a fuga, aquilo era preciso.

 **MORTUÁRIO:** relativo a morte, fúnebre

 **INTUIÇÃO:** capacidade de pressentir algo

## CAPÍTULO 6

Com cuidado, Dantes retirou o corpo de seu falecido amigo e o conduziu até sua cela. Ajeitou Faria em sua cama, com o rosto virado para a parede e o cobriu. Antes de sair depositou um beijo triste e esperançoso na testa do amigo e voltou correndo para a cela onde Faria tinha morrido. Pegou a faca que Faria tinha feito a partir de um velho candelabro, entrou no saco mortuário e o costurou pelo lado de dentro. O ar passava tranqüilamente por pequenas brechas na costura.

Seu plano era sair da ilha como morto, no lugar de Faria. Se os guardas o descobrissem antes do funeral, tentaria fugir correndo e se defenderia com a velha faca de seu amigo. Se os guardas não percebessem a fraude, esperaria ser enterrado e com a faca, abriria o saco e o caminho para a liberdade em meio à terra fofa. Tinha apenas que torcer para que a cova não fosse muito funda e que a terra não pesasse muito sobre ele. Antes disso, tinha que torcer para que o guarda que trazia a refeição não desconfiasse do corpo de Faria supostamente dormindo em sua cela.

O tempo passava e, dentro do saco, Dantes permanecia quieto e **APREENSIVO**. Pelas suas contas o guarda já devia ter colocado a refeição em sua cela. Dantes podia comemorar, havia sobrevivido à primeira etapa. De fato, algumas vezes Dantes estava dormindo quando o carcereiro trazia sua comida, recorrência que ajudou na configuração do **DISFARCE**.

Mais tarde, o coração de Dantes disparou. Os momentos mais tensos de sua vida estavam prestes a começar. Ouvia as vozes dos guardas:

— Vamos colocar o morto na **PADIOLA**. Segure numa ponta do saco que eu pego na outra.

— Certo.

Dentro do saco, Dantes segurava a faca e se concentrava para não se mexer nem fazer ruído.





— Eu estou louco, ou esse velho é mais pesado do que parece?

— Dizem que a cada ano os ossos vão ficando mais velhos e mais pesados...

— Não vamos amarrar agora?

— É melhor depois. Não há necessidade de carregarmos peso extra...

Dantes ficou **INTRIGADO**. Amarrar o quê? Que peso extra seria aquele? Seu plano parecia cada vez mais complicado, mas agora não havia volta.

-  **APREENSIVO**: ansioso, tenso
-  **DISFARCE**: fingimento, simulação
-  **PADIOLA**: espécie de maca
-  **INTRIGADO**: com curiosidade e desconfiança





Os guardas carregavam o “morto” em silêncio, mas Dantes já sentia o vento frio da noite batendo na lona. Já estava do lado de fora da fortaleza e sua barriga queimava de **ANSIEDADE**.

– Acho que aqui já está bom – disse um dos guardas.

– Não, dessa vez vamos bem na beira. Lembra que mês passado os rapazes não lançaram com força suficiente e o “pacote” caiu nas rochas?

– Lembro sim! O chefe ficou furioso e deu uma punição para eles. Vamos no três?

– Isso, no três.

Ao ouvir o diálogo, Dantes pensou em abrir o saco e tentar a fuga ali mesmo. Mas não teve muito tempo. Um dos guardas amarrou seus pés e ele sentiu algo bem pesado ser colocado a seu lado, na padiola na qual estava deitado.

– Um!


– Dois e!

– Três – gritaram juntos os dois guardas.

Dantes não viu, mas imaginou a cena: os dois guardas haviam amarrado uma grande pedra na altura de seus pés e de suas canelas e agora todo aquele conjunto formado por ele, o saco que o prendia, a corda e a pedra caíam velozmente dentro da noite, rumo às águas do mar Mediterrâneo.

Edmundo segurou a tensão ao máximo, mas, um pouco antes de colidir com a água, soltou um grito desesperado. Em seguida sentiu a lona molhar e suas roupas grudarem no corpo. A pedra afundava, a corda se esticava e logo o saco iria para o fundo do mar, o grande cemitério para os presos da ilha de If.

Com alguma dificuldade, Dantes cortou a lona, mas não conseguia se livrar da corda. A pedra ia afundando cada vez mais, levando Dantes junto com ela até que, num impacto amortecido, a rocha encontrou o fundo. Dantes conseguiu então cortar a corda e, graças a sua boa habilidade como nadador, conseguiu nadar até a superfície, uns quatro metros acima dele. Olhou para cima enquanto respirava fundo. O rochedo da ilha era mais negro do que o céu, mas em seu topo conseguiu ver duas luzes de lamparinas. “Os dois guardas”, pensou. Torceu para que eles não o estivessem vendo e mergulhou novamente. Tinha preocupações, como nadar para longe da ilha, primeiro para que as ondas não o esmagassem contra o paredão de pedra e depois para que, quando os guardas descobrissem sua fuga, ele já estivesse longe dali. Por isso nadou submerso por uns 150 metros e quando resolveu parar um pouco para descansar, olhou para trás e viu a ilha totalmente negra e ameaçadora. Parecia um monstro querendo persegui-lo. A luz dos guardas não estava mais lá, mas não sabia se isso era bom ou ruim. Não sabia se eles tinham escutado seu grito ou o visto nadando. Resolveu olhar para cima, mas o céu de nuvens rápidas, relâmpagos e muita chuva não ajudava. Sua única chance era penetrar no mar negro, rezando por um milagre e curtindo a felicidade e a fatali-

 **ANSIEDADE:** apreensão, angústia

dade que era estar livre e vivo. Ainda que talvez isso não durasse muito tempo, livrou-se de quase todas as suas roupas e recomeçou a nadar com determinação.

A cada braçada Dantes só pensava que o Senhor iria ajudá-lo, que sua luta era justa e que a liberdade era tudo para ele. Pensava também em Mercedes e em seu pai, e essas vibrações positivas lhe davam ânimo para enfrentar o oceano. Com essa concentração ele nadou por cerca de duas horas, sem que a chuva desse trégua. Como não nadava há muito tempo, seus músculos começaram a doer, então ele alternava mais ou menos cinco minutos de descanso para aproximadamente cada dez minutos de exercícios. Pelos seus cálculos, em no máximo mais duas horas o guarda que servia o desjejum iria encontrar o corpo de Faria, ao tentar acordá-lo. Logo eles descobririam a passagem secreta entre as duas celas e ficariam a par de como Dantes havia fugido.




A imagem de vários botes cheios de soldados percorrendo o mar assustava Edmundo, que buscava forças nos confins da sua resistência para continuar nadando. A imaginação do fugitivo ia além e via os soldados vasculhando o porto de Marselha, entrando nas casas dos antigos amigos e parentes de Dantes. A condição de estar sendo perseguido por todos abalou o lado emocional dele e Dantes teve vontade de chorar. Desesperado, um pouco antes do amanhecer, começou a falar com Deus:

— Senhor, passei catorze anos confinado numa cela imunda, pagando por um crime que não cometi. Perdi minha noiva, nunca mais vi meu pai, estou **FAMINTO**, quase nu e com muito frio. Vou continuar lutando até que minha última gota de força e de esperança esteja **ANIQUILADA**, mas entrego ao Senhor a minha vida e meu destino. Já sofri demais. Por favor me ajude. Faça de mim o que Lhe parecer mais justo.

Assim que terminou sua prece, o marinheiro olhou em direção à ilha de If, que estava pequena no horizonte. Edmundo Dantes teve uma grande surpresa. Um barco de porte médio vinha do leste, em direção a ele. Era a sua chance. Dantes aguardou alguns minutos até que o barco se aproximasse. A chuva estava fraca e havia dois homens no convés. Quando o barco se aproximou, Dantes começou a gritar feito louco e o capitão do navio, sempre atento aos ruídos do mar, ouviu a voz do fugitivo e imediatamente designou um bote para resgatá-lo.

Dantes tentou nadar um pouco até o barco, mas estava **EXAURIDO**. Suas pernas e braços mal o mantinham flutuando. À medida que o bote se aproximava, a força ia sumindo do corpo de Dantes e quando o bote chegou a seu lado, ele desmaiou. Por sorte um marujo o pegou pelos cabelos.

Acordou a bordo. Até seus ossos doíam e a dor o fez lembrar de todo o esforço da fuga. Estava vestido com um velho pijama. Resolveu se levantar e verificar a embarcação. Abriu a porta da cabine onde estava e subiu os quatro degraus da

-  **FAMINTO:** com muita fome, afaimado
-  **ANIQUILADA:** exterminada
-  **EXAURIDO:** totalmente cansado





pequena escada que levava ao convés. De lá viu que a ilha de If tinha ficado para trás. Estava livre.

— Vejo que nosso hóspede pelado já se recuperou!

Dantes se virou para onde vinha a voz e encontrou a figura alta do capitão. Antes que pudesse falar qualquer coisa, o homem perguntou:

— Quem é você?

— Meu nome é Edmundo Dantes, senhor.

O capitão não sabia se podia confiar num náufrago barbudo e cabeludo, mas como precisava de um marinheiro, resolveu arriscar. Se Dantes fosse um fiscal disfarçado, poderia tentar se livrar dele mais tarde. Se fosse um prisioneiro fugindo de If era até melhor, pois o navio Jovem Amélia levava **CONTRABANDO**.




Em alguns dias, Dantes recuperou sua força e ficou por dentro das atividades ilícitas naquela embarcação. Navegavam à noite e paravam em portos clandestinos para despistar a fiscalização. Temia que fossem pegos pela guarda costeira e que isso o levasse novamente à prisão, mas, por outro lado, se fosse resgatado por um navio legalizado, o capitão poderia ter denunciado sua presença.

Como gratidão pelo salvamento e como forma de começar a refazer sua vida, Dantes decidiu navegar ilegalmente no Jovem Amélia. Na primeira localidade em que pararam, Dantes foi à barbearia e cortou seus vastos cabelos e a longa barba. Em todo o tempo que estivera preso, nunca se preocupara com a aparência, mas agora achava importante mudar o visual para viver de forma mais tranqüila.

Quando o barbeiro terminou seu trabalho, Dantes se assustou. Não tinha espelho na cadeia e, sem os excessos de cabelos, seu rosto apareceu novamente. Estava muito mudado. O jovem **EXPANSIVO** de antes tinha dado lugar a um adulto de traços sérios e olhar profundo. Sua pele estava muito mais branca devido à falta de sol e sua voz mais macia e baixa, influenciada pelas conversas clandestinas, sussurradas, que tinha com Faria. A imagem no espelho dificilmente seria reconhecida por alguém que há mais de uma década não via o jovem Dantes e isso serviu para sossegá-lo.

Quando voltou ao navio, seus companheiros brincaram muito com ele, devido ao novo visual. Dantes riu alto, como não ria há muito tempo. Começava a se sentir um ser humano digno novamente. Mas havia muita coisa ainda a ser feita. Foi com surpresa que recebeu a notícia do capitão. **ZARPARIAM** na manhã seguinte, rumo à ilha de Córscica.

O coração de Dantes acelerou; a ilha de Monte Cristo ficava na mesma direção.

-  **CONTRABANDO:** comércio ilegal de mercadorias, sem fiscalização nem pagamento de taxas
-  **EXPANSIVO:** comunicativo, entusiasta
-  **ZARPARIAM:** partiriam de navio



## CAPÍTULO 7






Quando o Jovem Amélia passava em frente a ilha de Monte Cristo, Dantes ficou escorado no parapeito do convés, sonhando acordado. Se fosse um sujeito **IMPULSIVO**, já teria se jogado no mar. Com não mais do que uma hora de nado, chegaria à orla. Mas de nada adiantaria todo esse **ÍMPETO**. Afinal, não teria como remover o tesouro da ilha deserta. Além disso, os outros marujos ficariam curiosos e ele teria que repartir a riqueza com eles. Isso se o ouro não causasse uma briga violenta entre os contrabandistas, podendo inclusive levá-lo a morte.

Por isso resolveu esperar. Aprendera a ser paciente nos longos anos vividos na prisão. O Amélia voltaria a Monte Cristo e o tesouro (caso realmente existisse) não sairia correndo da pequena ilha. **RESIGNADO**, seguiu sua vida. Procurava trabalhar duro, com seriedade. Juntava dinheiro para comprar um pequeno barco e procurar o tesouro em Monte Cristo. Dessa forma ganhou a confiança do capitão e foi convidado a participar de uma reunião com mais três capitães de navios contrabandistas.

Uma carga valiosa de seda estava sendo trazida da Turquia por um grande navio e precisava ser **DESOVADA** em vários portos italianos e franceses por navios menores como o Amélia. O capitão sugeriu que o carregamento de seu navio fosse feito na ilha de Monte Cristo, por motivos de segurança. Monte Cristo era completamente deserta e fora das rotas da fiscalização. Parecia ter sido feita para a **CONTRAVENÇÃO**. Dantes se empolgou com a notícia e começou a maquirar um plano para pôr as mãos no tesouro.

Quando chegaram na ilha, os marinheiros do Amélia trabalharam o dia inteiro, transpondo a carga de um navio para o outro. Para desespero de Dantes, o capitão mandou que passassem a noite a bordo. Mas deu a manhã seguinte de folga. Dantes e mais alguns homens foram à ilha. Os marujos pensavam em coletar um pouco de água doce ou quem sabe caçar uma tartaruga ou um lagarto para assar. Dantes tinha outros objetivos...

Na praia, os marinheiros ingeriram suas bebidas alcoólicas e ficaram descansando na sombra. Dantes percorreu a enseada da ilha, em sua parte pedregosa, tentando identificar as 21 grandes rochas às quais a carta de Spada se referia. Notou que vinte delas tinham riscos que só podiam ter sido feitos pelo homem, embora algumas estivessem cobertas pela vegetação. A vigésima primeira estava lisa.

-  **IMPULSIVO:** o que age sem refletir
-  **ÍMPETO:** fúria, movimento súbito
-  **RESIGNADO:** que não lamenta seu destino
-  **DESOVADA:** distribuída
-  **CONTRAVENÇÃO:** atividade ilegal





Em vão Dantes procurou uma abertura ou cavidade nela. Parecia que aquela pedra estava ali desde o começo dos tempos. Era muito grande e seria quase impossível removê-la sozinho. Pela primeira vez Dantes pensou que a história do tesouro era um **DELÍRIO** da mente **FÉRTIL** de seu amigo, mas resolveu voltar antes que os outros desconfiassem de algo.

Assim que já era possível para ele ver os outros marinheiros, Dantes começou a correr colina abaixo. Monte Cristo era uma ilha pedregosa e, justamente quando os outros marinheiros o olhavam, Dantes tropeçou numa pedra e caiu. Os homens riram, mas quando perceberam que Dantes não se levantava, decidiram correr ao encontro dele. Quando se aproximaram, Dantes gemia de dor. Os homens tentaram carregá-lo mas ele gritou muito. Disse que preferia morrer a ser carregado.

O capitão do navio disse que eles esperariam na ilha até o dia seguinte, quando Dantes já estaria melhor para poder viajar. Surpreso com a atitude do capitão, sempre apressado e preocupado com os prazos, Dantes não aceitou a proposta.

– Partam sem mim. Eu fui um tolo em descer a colina correndo e agora meço ficar aqui na ilha. Deixem um pouco de água e de comida e um machado para mim. Assim que melhorar eu construo um barraco e fico na espera que vocês ou que outro navio passe por aqui.

– Deveremos passar aqui por perto em uma semana, Dantes — disse o capitão, combinando encontrar seu valoroso marujo depois.

Jacopo, um dos marinheiros, se ofereceu para ficar na ilha tomando conta do amigo, mas novamente Dantes recusou a surpreendente oferta, pois Jacopo perderia todo o lucro da viagem se ficasse na ilha.

Dessa forma, os contrabandistas partiram. Assim que o navio deles não podia mais ser avistado no horizonte, Dantes se ergueu e começou a caminhar em direção a grande rocha sem riscos. Estivera fingindo a lesão o tempo todo, para poder ficar sozinho na ilha. Não esperava que aqueles fora-da-lei fossem tão leais com ele. Após os catorze anos em que estivera na prisão, Dantes havia perdido a confiança nas pessoas, por isso se espantou com a nobreza do capitão e de Jacopo. Caso encontrasse o tesouro, decidiu que iria recompensá-los.

Analisando a rocha, Dantes percebeu que ela tinha sido movimentada de um uns dez metros acima da colina para onde estava agora. A vegetação menor formava uma espécie de trilha que indicava por onde a rocha tinha passado. Dantes limpou a área em volta da pedra e descobriu que a rocha não conseguia tampar toda a entrada da câmara que tapava o tesouro. Havia uns buracos laterais que tinham sido preenchidos com pedras menores e terra. Dantes as removeu e teve uma idéia: usaria o machado



**DELÍRIO:** distúrbio de julgamento relativo à realidade



**FÉRTIL:** rica




para cortar árvores. Essas árvores serviriam de apoio e de **ALAVANCAS** para que ele conseguisse movimentar a rocha.

Com algumas horas de trabalho Dantes conseguiu fabricar suas alavancas e, usando toda a sua força, foi movendo a pedra centímetro por centímetro, até que ela pendeu no declive da colina e começou a rolar, destruindo parte da vegetação, só parando na areia. Quando a rocha parou de rolar e a cavidade apareceu, Dantes desatou a rir, deitado na areia. Estava muito cansado, mas a entrada da sala do tesouro estava aberta e, se achasse as riquezas dos Spada, poderia descansar pelo resto da vida. Com cuidado foi descendo os degraus e entrando naquele ambiente frio.

O ar era péssimo lá dentro, mas Dantes estava acostumado. A sala acabava numa parede de pedras diferente das paredes da caverna. Dantes desconfiou que o tesouro só poderia estar depois daquela parede e, a golpes de machado, começou a pôr abaixo aquela que talvez fosse a última barreira entre ele e a riqueza. Enquanto **DESFERIA** seus golpes, notou que a claridade vinda da abertura fora cortada, como se alguém tivesse passado em frente a ela. Dantes interrompeu seu trabalho e, de posse do machado, saiu novamente da caverna. Com cuidado, espiou a paisagem lá fora. Temia que houvesse alguém na ilha. Mas o dia continuava lindo, com o mar batendo calmo na praia deserta. O vento balançava as árvores e a única coisa diferente era a presença de uma velha cabra pastando nos arredores.

Mais relaxado, Dantes aproveitou para coletar um galho seco, onde **ATEOU** fogo. Entrou novamente na caverna e fixou o galho no chão, para iluminar a sala. Fazendo uso de seu machado, começou a cavar no canto noroeste, como indicava a carta de Spada. Os golpes soltavam a terra, que Dantes removia com as mãos. Algum tempo depois seu machado topou com a superfície dura de um baú. Ao ouvir o *creck* da madeira rachando a emoção tomou conta de Edmundo e ele escavou toda a lateral do caixote que tinha cerca de um metro de comprimento por meio metro de largura e um metro de altura. Em sua tampa de madeira, havia uma placa de prata onde se poderia ler Spada. Usando o machado, abriu a velha fechadura. Havia milhares de moedas de ouro e de prata, jóias e talheres de ouro, diamantes e outras pedras preciosas que reluziam e iluminavam o ambiente da sala. Dantes estava rico.

Retirou um pouco da riqueza da arca, fechou-a e cobriu o buraco. Depois reconstituiu a parede interna e colocou outra pedra na entrada da caverna. Seu plano era ser resgatado e, com o pouco ouro que havia pegado, pretendia comprar um barco e voltar à ilha mais tarde, para levar todo o tesouro. Em uma semana o capitão havia cumprido sua promessa e estava de volta. Dantes fi-

-  **ALAVANCAS:** barras usadas para mover objetos pesados
-  **DESFERIA:** dava, aplicava
-  **ATEOU:** colocou, pôs





cou na Itália, onde comprou um barco pequeno, mas de muito boa navegabilidade. Instalou um fundo falso na cabine do barco, onde depositaria o tesouro, e partiu rumo a ilha.







Realizou com sucesso seu plano e, com 35 anos, Dantes era um homem muito rico. Uma de suas primeiras **RESOLUÇÕES** foi a de ajudar **ANONIMAMENTE** seus companheiros contrabandistas, especialmente Jacopo e o capitão. De posse do dinheiro, Dantes **TRAJAVA** lindas roupas, possuía um belo barco e poderia viajar para vários países, mas a viagem mais difícil deveria ser feita antes. Tinha que voltar para Marselha. Precisava rever seu pai e saber o que tinha acontecido com Mercedes após todos aqueles anos.

No litoral francês, Dantes chegou com uma nova identidade: Conde de Monte Cristo. O dinheiro havia comprado uma nova nacionalidade para ele, que graças aos ensinamentos de Faria falava inglês e italiano, conhecia profundamente história e geografia e assim podia ser outra pessoa e andar tranquilamente sem ser reconhecido. Em Marselha, Edmundo visitou seu velho pai, que quase morreu de emoção ao revê-lo.

Pediu que seu pai não contasse nada a ninguém, pois se o vissem com ele, poderiam descobrir sua identidade. Depois providenciou um novo endereço para seu **PROGENITOR**, mais afastado de Marselha e, logicamente, muito mais confortável. Seu pai contou que Mercedes havia se casado com seu primo Fernando e que Danglars havia assumido o posto de capitão do Faraó e com sua astúcia e maldade havia levado Morrel à falência, assumindo em pouco tempo o controle de sua frota.

Essas notícias geraram muita revolta em Dantes, que jurou vingança. Durante dez anos Edmundo estudou os hábitos de Danglars, Fernando e de Villefort e planejou **METICULOSAMENTE** sua vingança. Usou boa parte de sua riqueza para obter informações e se aproximar daqueles que o mandaram para prisão. Fez aliados importantes entre os empregados de seus inimigos, ao mesmo tempo que secretamente ajudava aqueles que se tinham demonstrado fiéis a ele, como o senhor Morrel, que tentou inclusive retirar Dantes da prisão, quando houve uma troca de governo na França.

Corrompendo juízes, Dantes conseguiu soltar alguns bandidos muito temidos pela sociedade. Esses homens passaram a ter Dantes como um herói e ele os comandou num roubo fantástico que arruinou as finanças de Danglars e abriu caminho para que a família Morrel retomasse suas atividades na Marinha mercante. O dinheiro foi repartido entre os pobres da cidade e os **EX-APENADOS** que Dantes

-  **RESOLUÇÕES:** decisões
-  **ANONIMAMENTE:** sem que os outros soubessem
-  **TRAJAVA:** vestia
-  **PROGENITOR:** pai
-  **METICULOSAMENTE:** com muito cuidado
-  **EX-APENADOS:** ex-presidiários

havia libertado, sob a condição de que se mudassem de Marselha e que usassem suas riquezas para o bem.

Em relação a Fernando e a Villefort, Dantes conseguiu desmascarar uma série de falctruas que os dois haviam feito no exército e na magistratura, suas respectivas carreiras. Envergonhada devido à desonestidade do marido, Mercedes foi morar num convento. Fernando foi para uma prisão militar em Paris e Villefort foi mandado para o Castelo de If.

A vingança de Dantes demorou dez anos, mas como ele havia aprendido o dom da paciência na prisão, cada passo dela foi muito bem calculado e por isso ele obteve sucesso. Somente após julgar e condenar pessoalmente seus malfeitores é que Dantes se dedicou a um novo amor, uma moça chamada Haydée. Com ela Edmundo Dantes inflou as velas brancas de seu belo barco, que partiu rumo ao horizonte. Parecia um pássaro voando, exercitando a liberdade entre o céu e o mar.



## ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Dantes ficou preso durante muitos anos. Como era a qualidade de vida na prisão?
- 2) Atualmente no Brasil há muitas prisões. Você acha que elas têm uma qualidade de vida pior ou melhor do que a de Dantes? Por quê? Compare sua resposta com a dos colegas.
- 3) Você acha que, para um criminoso, ficar confinado num presídio é o melhor método para a sua reabilitação perante a sociedade? Cite alternativas para o sistema penitenciário. Forme uma dupla ou um trio e discuta essa idéia. Responda a pergunta justificando sua resposta.
- 4) Na prisão, Dantes e Faria se tornaram grandes amigos, embora um fosse muito jovem e o outro muito velho. Fora seus parentes, você tem algum amigo(a) bem mais velho do que você? Como é essa relação? Caso você não possua amigos de outras faixas etárias, explique por que você acha que isso acontece.
- 5) Fale com seu professor sobre a possibilidade de sua turma visitar um asilo em sua cidade.
- 6) Qual era o tesouro de Faria e qual era o tesouro de Dantes?
- 7) Você tem algum tipo de tesouro? Qual? Existe um mapa para buscá-lo? Além de você, mais alguém sabe da existência deste tesouro?
- 8) Forme uma dupla ou um trio e escolha uma cena do livro para encenar diante de seus colegas.
- 9) Desenhe um mapa dos locais mencionados no livro e entregue para o seu professor de Geografia avaliar.
- 10) Por que Dantes foi preso?
- 11) Por que Faria foi preso?
- 12) Quem foi Napoleão e por que ele foi exilado na ilha de Elba?
- 13) Alguns artistas e políticos brasileiros também foram exilados nas décadas de 1960 e 1970. Você saberia citar o nome de alguns exilados e dizer por que isso aconteceu?
- 14) Dantes e Faria eram muito amigos e a amizade deles amenizava os sofrimentos da prisão. Você tem algum grande amigo ou amiga? Escreva uma redação contando alguma aventura que você tenha vivido com ele(a).
- 15) O personagem de Dantes sofre pelo menos três grandes mudanças durante a história. Para você quais seriam as principais mudanças?



- 16) Dantes passou catorze anos na prisão. Quando fugiu, ficou rico e levou outros dez planejando sua vingança. No lugar de Dantes você tentaria se vingar de seus inimigos? Por quê?
- 17) Você já se vingou de alguém? Conte sua história e diga se seu ato valeu ou não a pena.
- 18) Dantes foi alvo de uma grande injustiça e passou muito tempo na prisão por esse motivo. Pense sobre a situação de nosso país e cite cinco injustiças presentes em nossa sociedade.
- 19) De qual personagem você mais gostou no livro? Por quê?
- 20) De qual personagem você menos gostou? Por quê?



# O Conde de Monte Cristo

Alexandre Dumas

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Alexandre Davy de la Pailleterie, conhecido como Alexandre Dumas por ser filho do general Thomas A. Dumas, nasceu em Villers-Côtterêts, França, no dia 24 de julho de 1802, e morreu em Puys, uma pequena cidade francesa, no dia 5 de dezembro de 1870.

Quando tinha vinte anos, resolveu mudar-se para Paris. Levando consigo uma carta do General Foy, conseguiu um emprego num escritório. Naquela época, começou a escrever poemas e romances e logo publicou seu primeiro livro, *La Chasse e l'Amour*, em parceria com um amigo.

Aventuras acompanhadas de humor são a chave para agradar o público de Dumas, que encontra diversão e entretenimento nas diversas obras do autor. Além de *O Conde de Monte Cristo*, ele também escreveu: *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte anos depois* e *O Visconde de Bragellone* (duas obras nas quais os mosqueteiros continuam suas aventuras), *Os Irmãos Corsos*, *A Tulipa Negra*, *A Máscara de Ferro*, *O Cavaleiro da Casa Vermelha*, *A Rainha Margot*, *O Colar da Rainha*, *A Condessa de Charny* e *Memórias de um Médico*.

Dumas foi considerado um dos escritores mais lidos em todo o mundo, além de ter conseguido muito dinheiro com as vendas de seus livros. No entanto, não soube administrar sua riqueza e morreu na miséria.

